





300.

C/coleção de  
Jarrett

COLLECCÃO  
DE  
POESIAS.



COLLEÇÃO  
DAS  
POESIAS,  
RECITADAS  
NA SALLA DOS ACTOS GRANDES  
DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
NAS NOITES DO DIA 21 E 22 DE NOVEMBRO  
EM PUBLICA DEMONSTRAÇÃO DE REGOSIJO  
PELO FELIZ RESULTADO DO DIA 17.

---

1820.

---



COIMBRA,  
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.  
1821.

---

*Com Licença da Comissão de Censura.*

OF A ...

... OF ...

... OF ...

... OF ...

... OF ...

... OF ...

... OF ...

... OF ...

... OF ...

... OF ...

... OF ...

---

# SONETOS.

## I.

**J**A', já nada podeis, monstros do abysmo,  
Tyranos monstros de infernal maldade:  
Dissipou-se a illusão, vence a verdade,  
Quebrou-se o ferreo sceptro ao despotismo.

Dos Lusos corações o alto heroísmo  
Pôde affrontar, vencer a iniquidade;  
Baixa dos ceos de novo a liberdade:  
Já, já nada podeis monstros do abysmo.

E tu, filha d'um deus, razão sagrada,  
Quebrado o vil grilhão, que te opprimia,  
Alças de novo a frente laureada.

Recebe pois, em tão festivo dia  
Os vivas de prazer, que transportada  
Aos ceos levanta a Lusa academia.

*Augusto Frederico de Castilho*, Estudante do Quarto  
Anno de Canones.

II.

M O T E.

*Dias dourados, quaes viu Grecia, e Roma.*

Sombras, sombras d'heroes, vós, que immoladas  
Fostes do despotismo ao genio horrendo;  
Sombras, sombras d'heroes, que inda gemendo  
Andais em torno a nós amarguradas;

Vós, que a Patria respeita, e crê sagradas,  
Vós, que ovantes no Olympo estais vivendo,  
Vós, que chorastes, nossos ferros vendo,  
Folgai: nossas cadeias são quebradas.

Das cinzas vossas nós bradou a gloria;  
Valor extincto á sua voz assoma,  
Valor, que abriu o templo da Memoria.

Despotico poder já nos não doma:  
Ante taes feitos, que serão na historia  
*Dias dourados, quaes viu Grecia, e Roma?*



III.

M O T E.

*São heroes de Minerva , heroes de Marte.*

**F**lores do Pindo , graciosas flores ,  
De illustres vates pela mão colhidas ,  
Sois á virtude , ao merito devidas  
De nossos immortaes libertadores.

Musas , tecei-lhes perennaes louvores ,  
Além dos évos prolongai-lhe as vidas ;  
Alcem as frentes de laureis cingidas  
Ao ceo da gloria , aos numes sup'riores.

Templos , altares a seu nome ergâmos ;  
Empunhárão o candido estandarte  
Da liberdade , de que nós gozâmos.

Serão famosos sempre em toda a parte ;  
São dos numes aquelles , que adorâmos ,  
*São heroes de Minerva , heroes de Marte.*

*Do mesmo.*

## IV.

## M O T E.

*Do crime em cinzas renasceu virtude.*

**C**Ançou-se de escutar nossos gemidos  
Das espheras o árbitro potente ;  
Viu de Lysia o semblante descontente ,  
Viu seus pulsos c'os ferros denegridos.

Aos Lusos povos , filhos seus queridos ,  
Manda um genio do Olympo omnipotente ,  
O genio do valor audaz , ardente :  
Eis baixa , eis nossos déspotas punidos.

Pôde em fim uma vez , pôde a ventura  
Ser socia do valor : um deus escude  
A causa nossa , a nossa causa é pura.

Mas não temais , que o fado se nos mude :  
A clemencia succede á força dura ;  
*Do crime em cinzas renasceu virtude.*

*Do mesmo.*

V.

M O T E:

*Ah! não tem pár a Lusitana gloria.*

**A**Fonso , ó grande Afonso , ó rei famoso ,  
Pai , fundador , heroe da monarchia ,  
Tu , cuja lança a morte precedia ,  
Cujó sceptro na paz éra piedoso ,

Surge , surge , phantasma luminoso ,  
Do mudo horror da região sombria :  
Vê teus filhos , conhece-os neste dia ;  
E nume volta ao perenal repouso.

Entre os espectros dos héroes do mundo  
Vai contar as acções , que á Lusa historia  
Não grangear respeito o mais profundo.

D'um despotismo tal colher victoria! . . .  
Trocar horrores em prazer jucundo! . . .

*Ah! não tem pár a Lusitana gloria.*

*Do mesmo:*

## VI.

## M O T E.

*Dias dourados , que viu Grecia e Roma.*

**D**E ricas gemas que pomposa c'roa  
Te adorna , ó Lysia , a frente magestosa ,  
Vingando o cume á estancia luminosa  
Ah! como o nome teu scintilla e voa.

Embalde Adamastor horrído troa ;  
O exforço não to apouca a voz irosa ;  
Que ovante á tua fama portentosa  
Trophéus arvoras em Cambaya e Goa.

Carrancudos tufões , átras procellas  
Tua audacia immortal despresa e doma ,  
Levando o nome teu té ás estrellas.

Se entre as mais nações tua gloria assoma,  
Escureces com tuas acções bellas  
*Dias dourados , que viu Grecia e Roma.*

( 7 )

VII.

M O T E.

*Ah! não tem pár a Lusitana gloria.*

**D**Espotismo , teu sceptro jaz quebrado :  
Lysia , que o furor teu agrilhoára ,  
As cadeias te cinge , que forjára  
De tyranno poder teu braço armado.

Desfaça os torpes membros a teu lado  
Fallaz Superstição de sangue avara ;  
Da fulgente virtude a luz preclara  
Destrua do Egoismo o imperio ousado.

Lysia , d'altos heroes patria affamada ,  
Ant'olha a scena , que na larga historia  
Ha de em character d'ouro ser gravada :

E vê que , eternisando-te a memoria ,  
Com sonora voz a fama brada :

*Ah! não tem pár a Lusitana gloria.*

*Do mesmo.*

---

O D E S.

---

O D E I.

*Pindarica.*

---

*Os dias d'abundancia*

*Vão de novo luzir em nosso oriente*

*Com largo brilho , com fulgor ingentes.*

O author.

---

*Strophe 1.*

**S**E ao lado sacrosanto  
Fizeste , egregia nympha , do almo Apollo  
Soar brilhante n'um , e n'outro pólo  
    Camões com raro espanto ;  
    Meus versos hoje alenta ,  
Que em balde a inveja denegrir intenta ;  
Dá-me dest'arte o dom raro e profundo ;  
    Sôem meus versos pelo vasto mundo ;

*Antistrophe 1.*

Nova carreira , ó musa  
 Calliope , me ensina : além dos fados  
 Ao ceo os hymnos vou erguer sagrados.  
 Já Delio não se escusa  
 Ao vate neste dia ,  
 Se d'Elysia o prazer nossa alegria ,  
 Vencido o Despotismo , audaz descanto ,  
 Causando a ti e aos ceos extranho espanto.

*Epodo 1.*

Embora pretendesse Orpheu canoro  
 Entrar no reino escuro  
 De eterno , amargo choro :  
 Erguer , qual Amphion , Thebano muro  
 Não podem versos meus ; d'Elysia a dita  
 Eis quanto o estro meu só quer , medita  
 Eternisar contente.  
 Seu braço em meu favor um deus ostente.

*Strophe 2.*

Elysia , que pensavas ?  
 Tu , que altiva assombraste o largo Oceano ,  
 Sem o p'rgo temer , fugir seu dano ,  
 Escrava te julgavas ?  
 Teu fado vê contente ;  
 » Um deus não é perjuro , um deus não mente ; »  
 E o mesmo , qu'em Ourique te amparara ,  
 Os destinos baldou á furia avara.

*Antistrophe 2.*

O ferreo Despotismo ,  
Roubando o sceptro e o valor á Morte ,  
Fez , que em ti dominasse o impio , o forte ,  
O barbaro Egoismo .

Divina singeleza  
Arrastava apoz si , delle éra preza ;  
Cingião hydras seu cruento escudo ;  
Co'as azas do pavor cobria tudo .

*Epodo 2.*

Mas um Luso , qu'hoje é qual foi outr'ora ,

(Soberba Roma o diga)

Negro monstro devora ,

De chofre a baquear no abysmo o obriga :

Mil vivas solta , e a Liberdade acclama ,

Retumba seu clamor , qu'espalha a fama

Desde onde o Tejo corre ;

» Onde o sol apparece , brilha e morre . »

*Strophe 3.*

Manes , que sepultados

Gozaes lá no Empyreu de Jove a gloria ,

Vinde ver refulgir na larga historia

Os Lusos libertados ;

Quebrar ferrea cadeia

Vossò destino foi , foi vossa ideia :

Pela Patria morrer , e liberdade ,

Vossa gloria ha de ser em toda a idade .



*Antistrophe 3.*

Um numen , qu'extremado  
Aos Lusos por brazão lhes dera as Quinas  
Se d'impio algôz nas mãos crueis , ferinas  
    Viu ferro assacalado ;  
    Se raios não vibrava  
Contra a mão , que só raios fusilava ;  
Se vingar não foi logo este impio intento ;  
Dos Lusos quiz provar o soffrimento.

*Epodo 3.*

Hoje , ó Lusos , beijai a ardente pyra ,  
    Que nossa Patria adora ;  
    Fumo , qu'inda alli gira  
Nosso valor , sua vingança exora :  
Dizei-lhe que o instante emfim chegára ,  
Em que a patria os grillhões despedaçára :  
    Vingou-se o heroico sangue ,  
É nada o Despotismo , e jaz exangue.

*Strophe 4.*

    Que ditosa mudança  
No seio do prazer Elysia admira !  
Contente a ditas mais já não aspira ;  
    Em tão geral bonança ,  
    No cume da ventura  
A' santa Paz dos ceos , serena e pura ,  
Disputando o fulgor , a amenidade ,  
Entre ella vê brilhar Saturnea idade.

*Antistrophe 4.*

Se de Roma ao estado  
Elysia comparar na historia quero;  
Se já morto o Dragão, já morto Nero,  
Tinha o pavôr murchado,  
Hoje na patria vejo  
Aurora, com que a Roma nada invejo.  
Morto um Nero alli, outro apparece;  
Aqui um deus protege, a paz florece.

*Epodo 4.*

Se no pego Dirceo sondára o fundo,  
Elysia não podéra  
Contar ao vasto mundo  
Almo futuro, que já em paz te espera;  
Ao lado augusto dos heroes fulgindo,  
Verás que a teu valor Jove anuindo,  
Dará em larga sømma  
» Dias mais bellos, que os de Grecia e Roma.»

*Pedro Joaquim de Menezes, Estudante do Quarto Anno  
de Canõnes.*

---

O D E II.

---

---

*Escravos hontem, são Romanos hoje.*

FILINT. Elys. Epist.

---

---

**O**h Lysia! oh patria! parabens, exulta!  
Não lagrimas borbulhem, não mais lucto!  
Rasguem-se as vestes, que trajavas triste,  
E donosa te enfeita.

Não vês qual surge bonançoso dia  
Em nossos horisontes denegridos? . . .  
Fagueiro a redempção eis vem trazer-nos,  
E a foragida gloria.

Olha como por seu influxo freme,  
Mas freme embalde infrene Despotismo  
Olha como de serpes rodeado  
Em vão se agita, e morde.

Vê como ruge ao sacudir dos golpes  
Que o braço da Razão lhe descarrega!  
Oh que furias o peito lhe povôão,  
Estes climas fugindo!

Co'a cauda em raiva acceso açoita o dorso ;  
Todo sanha e furor que silvos-lança!  
Que horrendo esbravejar ! que vesgos olhos-  
Furioso nos volve ! —

Desde hoje , Lysia , não serão teus filhos  
Despresiveis escravos ! . . . que ferrete !  
Oh ! se não fôra o soffrimento nosso  
Quem Lusos nos julgara ?

Sem lei , sem patriã , sem renome , e gloria ,  
Alquebrado de dôr , morto d'angustias ,  
Mordendo os ferros , que arrastrava infirme ,  
Véxava o ver um Luso.

E que era outr'ora um Luso ? . . . Roma o diga ;  
Digão-no o Ganges , o Indo , que ora mesmo  
De ouvir-lhe o nome descorados tremem ,  
E de pavor recuão.

Digão-no os mares d'antes não sulcados ,  
Que de mau grado aos hombros carregando  
C'os impavidos lenhos Lusitanos ,  
Espumavão de raiva.

Porém , graças aos brios Portuguezes !  
Já nossa gloria alardear podemos .  
Sim : qual outr'ora foi , é hoje um Luso .  
E que pensava o mundo ? —

Em nossos peitos o valor não morre:  
A' vista da injustiça cresce, avulta,  
E quando estoura, é rápida torrente,  
Que arraza diques, tudo. —

E vós, que um mundo virgem suppoz numes,  
Suppôz senhores dos trovoens, dos raios,  
Vós, que a senda encetada nos marcastes  
Da sancta Liberdade,

Mil bençaons recebei dos gratos Lusos,  
Oh! sejaes sempre quanto sois; e basta:  
Oh! vossos fados perenaes não mudem;  
E sereis sempre grandes;

Sereis da Europa sempre a inveja, a gloria:  
E Iberia, e Lysia, das naçoens esmalte,  
Por laços inquebraveis sempre unidas  
Serão terror do mundo.

*José Maria Grande*, Estudante do Terceiro Anno Medico.

O D E III.

---

*Enxuga, enxuga o copioso pranto,*

*Que as faces descoradas,*

*Lusitania gentil; te banha ha tanto.*

*Já as funestas nuvens carregadas*

*Que teus campos cobrião,*

*Que tão enorme estrago prometião,*

*D'uma aura favoravel assopradas,*

*Velozes vão fugindo,*

*A luz, que te cerravão, descobrindo.*

ELPIN. Nonacr. Tom. 5. Ode. 2.

---

**N**Aufragante baixel por entre as vagas  
De procelloso mar, sem mastro, e leme,  
Desmantelado, e entregue  
Dos Aquilloens aos horridos assôpros,  
N'um escolho por certo  
A ruina encontrara, e logo em lascas  
Victima fôra das cavadas ondas.

Dest'arte Portugal, emporio outr'ora,  
Onde, com pasmo do universo inteiro,  
Do longinquo oriente  
Vinhão pejados alterosos lenhos  
De riquezas sem conto,  
Que submissos os reis d'alli mandavão  
Aos nossos, por tributo, e vassallagem,

D'horrendos males em procella horrenda,  
Soprada cada vez mais forte, e insana  
Por déspotas, que em roda  
Do mais benigno dos monarchas todos  
Nos tem bebido o sangue,  
Definhados seus povos, quasi em ruina,  
Naufragava sem rumo entre mil Sytes.

Sem governo, sem lei, sem bens, sem honra,  
Sustendo apenas de nação o nome,  
Arquejando já dava  
Entre as garras de barbaros tyrannos  
Os ultimos arrancos;  
Quando no Douro resurgindo ovantes  
Estremados campeoens a patria escorão.

Elles a salvão por valor superno  
Das maons da morte, agonisante, afflicta ;

Com salutar prudencia

D'alta ventura ao cume inaccessivel

Generosos a levão

Grangeando dest'arte o nome honroso

De famosos heroes , de pais da patria.

Oh tu , FREIRE immortal ! tu martyr della !

Tu , que , deixando a terreal morada ,

Viver foste entre os numes ,

Vingado estás dos déspotas , dos tigres ,

Que d'um sôrvo anhelavão

Sedentos esgotar d'honrados Lusos

Quanto sangue lhes gira em nobres veias.

Portugal é nação : do Douro ao Téjo

Voa , qual voa electrica centelha ,

Da Liberdade o grito :

Com letras d'ouro em paginas eternas

A san filosofia

Justas leis vai gravar , que o mundo inteiro

Assombrado respeite , inveje , adore.



Fontes , que os povos , que as nações additão ,  
Perennes fontes deslisando vejo ;  
    Já pasmado diviso  
O lédo agricultor colhendo as messes ,  
    Os sasonados fructos ;  
E a Ceres gratulando em paz ditosa ,  
De seus dons cumular ferteis celleiros.

D'outra parte com próspera bonança  
Arfar no Téjo recurvados pinhos  
    Attonito contemplo ,  
Nos largos bôjos conduzindo á patria  
    A provida abundancia.  
De maons dadas lá vejo (oh quadro ameno!) ;  
O florente commercio , a agricultura.

Da negra escravidão pesado jugo  
Sacudido já foi ; já somos livres :  
    Já somos caros filhos  
Do mais benigno pai , a quem daremos  
    Por bazes de seu throno  
Os nossos corações , vidas , e quanto  
Por seu rei é capaz de dar um Luso.

De taes filhos, JOAÕ , monarcha excelso,  
Só tu deves ser pai : crusando os mares,

A' natalicia terra

Volta , Senhor , e firmarás com elles

O mais ditoso imperio :

Em quanto em ondas de Pieria chama

Eu vate implume congratulo a patria.

*José Maria de Andrade* , Estudante do Segundo Anno Medico.



O D E IV.

---

*Do crime em cinzas renasceu virtude.*

J. B. S. LEITÃO.

---

U M ai, um ai sequer não desprendia  
Lysia, a mesquinha Lysia;  
Sem alentos, sem côr, quasi sem vida,  
Oppressa, agrilhoadas  
Magentosa cerviz dobrava ao jugo  
D'infame despotismo.  
A sordida ambição, a mãe dos crimes,  
Gravido o bôjo enorme  
De maligna, de esqualida peçonha,  
Torcendo os vitreos lumes,  
Vomita as fezes de lethal veneno,  
Que lavrão, que germinão.  
Eis, qual exhalação vislumbra rapida,  
No oriente radioso  
Ao dia as côres desmaiadas murchão:  
Os ares entumecem  
Nuvens prenes de raios crepitantes,  
E na convexa esphera

Retumba horridamente o som terrivel  
De horrisona tormenta.  
Desmantelada não, sem norte, ou rumo  
No centro das procellas  
Um negro abysmo em cada vaga encontra.  
Ai miseranda patria!  
És tu, és tu que em negra tempestade,  
N'um pelago de horrores  
Desfalesces, oh dor! desfinhas, morres!  
Oh manes de Pacheco,  
Oh sombras d'um Cabral, sombras d'um Castro,  
D'heroes, que furibundos  
Já mais deixárão de punir o crime,  
Surgi lá dos Elysios  
O ferro vingador, que inda goteja  
Sangue infiel, profano;  
A patria, que vos chama entre gemidos,  
Vossos peitos briosos  
Sejão barreira, diamantina rocha  
Onde as ballas reflectem.  
Ah! que sorte cruel te augura o fado,  
Que novo damno, ó Lysia!  
» A's armas (brada o Erro), ás armas Lusos. »  
Eis que se aprestão armas.  
Nas dextras brillhão laminas fulgentes,  
De ferros se adereção.

Raios de Marte , que ruínas vibrão ,  
As Legioens opprimem.  
Rodão bronzéos canhoens atroadores ,  
Que vomitão a morte.  
Bravas falanges d'emplumadas frontes  
Altivas , denodadas ,  
Que arrostão p'rigos , e que a morte affrontão ,  
Espalhão frio susto.  
De rapidos ginetes sobre os dorsos  
É cada Luso um Thracio :  
Querem guerra , e mais guerra , a paz odeião ;  
E os corceis insoffridos  
Remordem relinchando os ferreos freios ,  
Impavidos se embridão.  
Soltas no ar tremolão as bandeiras ,  
E aos cavos promontorios  
Os bellicos clarins o som lá mandão.  
Ah ! onde , temerarios ?  
Aonde a furia intenta despenhár-vos ?  
Em que abysmo terrivel ?  
Execrando attentado atroz delicto !  
Aonde , aonde a guerra ? . . .  
Taes , ou menos sacrilegos ousarão  
De Phlegra nas campinas  
Atrevidos Terrigenas bramando ,  
Com Jove disputar-se ,

Com Jove punidor , que o raio ardente ,  
Lhes sacudiu da dextra.

Mas que extasi divino me arrebatá ,  
Em delicias me golfa !

Insolito prazer me corre as veias !  
Que divindade , oh numes ,

Do puro , excelso , rutilante assento  
Baixa serena , e pura

Sobre um gruppó de estrellas mais brilhantes ,  
Que a chama do pyropo ?

Ah ! que é de Themis a adorada prole ,  
Oh sancta paz , oh deusa !

Exulta , ó Lysia , das naçoens rainha ;  
Salve de heroes ó patria !

Já muge entre grilhoens a tórva guerra ;  
Fecha o bífrente Jano

As formidaveis portas , que estridentes  
Gemem nos quicios d'ouro.

Da execranda traição pulla a cabeça  
Exangue , decepada

Nas thuricremas aras de Nemésis ,  
E a Discordia implacavel ,

Lacerando de raiva a crocea grenha ,  
No barathro se abysma.

Eis , ó emporio Lusitano insigne ,  
É teu imperio o mundo.

Exulta , ó Lysia , que dos ceos te chovem  
    Almos bens ineffaveis !  
Dadivosa abundancia , aurea riqueza  
    No seio te fecundão !  
Tens para assombro , ó patria , em cada filho  
    Um Decio , um Curcio . . . um Luso.  
Se Roma , e Thebas , se Carthago , e Memphis  
    Opulentas , guerreiras  
Desdenhãõ tropheos , em fim cahirão.  
    Mas Lysia !, Lysia invicta ,  
Depois de avassallar todo o universo ,  
    Irã d'altiva fronte  
Disputar duraçãõ co'a eternidade.  
    Eia ! vivas resoem ,  
Hymnos fogosos té aos astros subão  
    O nosso nome , e gloria.  
Justo respeito a Portugal tributem  
    Os hemisferios ambos.

O Bacharel *Fernando José Lopes de Andrade.*

---

O D E V.

*A' Patria.*

---

*Gloria Lusitadum solito florebit honore.*

TEYIUS Ep.

---

1.

**N**Em sempre em rijos ferros  
Soluce a Liberdade , o pranto exhale :  
Dos Lusos o valor , que assombra o mundo  
A custo agrilhoadado ,  
Qual sol , que as nuvens em rompendo abraza ,  
Altivos muros do Egoísmo arraza.

2.

Oh ! folga , excelsa Elysia !  
Dos heroes do oriente eis surge a prole ,  
Que os teus gemidos , que o teu pranto enxuga !  
Quem a India pasmára ,  
Quem soube as Aguias agrilhoar do Norte ,  
Com herculeo valor te arranca á morte.



3.

Té hoje soluçando ,  
Em ti já não brilhava herdado brilho ,  
Que fez teu nome respeitar no globo ;  
Mostravas . . . ceos , que magoa !  
Que ao monstro insano , que no abysmo impera ,  
Teu heroico-valor por fim cedêra .

4.

Eis surge nova aurora ,  
Que no Luso hemisferio os soes espalha ,  
E os ceos dourando teu valor anima .  
Não gemas , patria augusta ;  
Quem da Gallia venceo a crueldade ,  
Hoje os vivos soltou á liberdade .

5.

Então monstros insanos ,  
Cruento parto das mais atras furias ,  
Manchando o teu altar , as leis , o throno ,  
Teu peito quasi exangue  
Comtigo terminar só intentavão ,  
Quando dias de paz te asseguravão .

6.

Qual mais penoso estado  
Em duros férros te opprimia Elysia ?  
Ou quando supportavas Gallos monstros ,  
Ou quando defraudada  
Sem commercio , sem leis , sem náos , sem ouro  
De ti , e do universo eras desdouro ?

7.

A' arbitrio de verdugos ,  
Que as bases pouco a pouco te minavão ,  
Apenas n'apparencia eras Elysia ,  
Elysia , que aos dous mundos  
Fizeste respeitar sagradas quinas ,  
Com que aos thronos a guerra , ou paz destinás.

8.

A teu sentido brado ,  
Qual raio assolador , CABREIRA vóa ;  
Com os olhos na paz , a mão na espada  
SEFULVEDA te accóde ,  
E a voz , que em Diu exclamou victoria ;  
Novo brado vai dar na Lusa historia !

9.

D'Affonso as eras surgem ,  
E as leis revivem , que José formara !  
Trocados em prazer dias de ferro ,  
Deshonra d'alma patria ,  
Nova luz abrilhanta o hemisferio ,  
Que esmalta teu valor , e nosso imperio !

10.

Se em codigo imperfeito  
Teu descanso , teu ser balanceava ,  
Se tyranno poder barbaro extranho  
Infeliz te opprimia ,  
Animo cóbra , oh patria , que a teu brado  
Corre o Luso valor já mais domado.

11.

Parabens Innocencia !  
Não mais o pranto myrrará teu rosto ;  
A triste Viuvez seus ais não sólte :  
Os dias d'abundancia  
Vão de novo luzir em teu oriente  
Com largo brilho com fulgor ingente.

E

12.

Não verguem roxos pulsos  
A duros laços , que o Egoismo urdira ;  
Elysia , qual já teve adorno , lustre ,  
De quantos nutre filhos  
Vai hoje receber : os vivas sõem ;  
E em seu abono campioens já võem .

13.

Não raive amortecido  
Valor excelso , que Ullissea esmalta ;  
De Castros , e Menezes próle heroica  
Revive hoje de novo ;  
E a patria dos grilloens em fim salvando-  
Os Lusos fados hir-se-hão dourando .

14.

Eis quanto te assegura  
Humilde vate nos arcanos lendo ,  
Que só ao vate penetrar he dado ;  
Succumba o negro abysmo ;  
No ceo d'Elysia claro sol radiante  
Vai seus dias dourar neste almo instante !

*Pedro Joaquim de Menezes* , Estudante do Quarto Anno  
de Canones.

O D E VI.

*Ao feliz successo do dia 17 de No-  
vembro.*

---

*Nunc suis ex merito quemque tuetur honos,*

OVID.

---

**D**As tres impias irmans a mais funesta ,  
Alecto , a mãi das desventuras -nossas ,  
Irritada por ver , que heroes d'Elysia  
A tinhão supplantado ,

Triste , e raivosa de perder o influxo ,  
Que ha tanto tempo em nosso fado houvera ,  
Vendo tantos varoens illustres , grandes  
Unir-se a libertar-nos ,

Negro projecto concebeu terrivel ,  
Quiz despenhar-nos para sempre em males ,  
Males crueis , cujo remedio fôra

Nossa total ruina :

Chamou a intriga, e lhe ordenou, que destra  
Viesse aniquilar d'Elysia os fados,  
Denegrindo os varoens, murchando os loiros  
A' candida virtude.

Disse, e fez-se: e n'um ponto eis dissipada  
A d'illustres heroes honrada fama ;  
Vulgo insolente de baldoens os cobre ;  
Chora a virtude, a patria:

Mas Jove, que d'Elysia a paz medita,  
Que insanos monstros separou d'entr'ella,  
Irado bate no doirado solio,  
Tremem os ceos em torno:

E a voz alçando, cujo accento doma  
No torvo mar as rapidas procellas,  
No ar os furacoens, nos ceos os raios,  
No inferno as furias mesmas,

Chama a doce União, dos ceos a filha,  
A socia do prazer, dos bens a socia,  
Meiga authora da paz, cujo sorriso  
Os homens faz, quaes numes:

» Filha, corre (lhe diz), voa ligeira  
» D'Elysia a promover ventura e gosto ;  
» Hydras, serpes não mais vomite o abysmo  
» Os Lusos transtornando.

» Desfaz as obras da calumnia horrenda  
» Chama outra vez a governar os povos  
» Aquelles, que já victimas cedêrão  
» A' furiosa intriga.

» Verás como a seu lado Elysia folga,  
» Como a paz, a abundancia em nossos lares;  
» Qual outr'ora brilhou, de novo brilha,  
» Valendo os nossos votos;

» Não mais calumnia presumçosa intente  
» Co'a intriga ao lado subjugar os Lusos,  
» Os Lusos, que da paz fruião glorias  
» Vencido o despotismo:

» Faze-lhe ver, que em fim a seus intentos  
» Um deus annuirá, mandando aos Lusos  
» O bom rei, por quem tantas preces soltão  
» Lusos, que o seu rei amão.»

Calou-se — a filha em um momento voa,  
Chega, e as nuvens da inveja extingue,  
Raia a verdade, e n'um momento unidos  
Altos varoens nos regem.

*Antonio Feliciano de Castilho, e Pedro Joaquim do Menezes.*



O D E VII.

---

*Que cithara já mais cantou victoria,  
Que assim mereça eterno nome, e gloria.*

CAMÕES Lus.

---

**O**Lhos fitos em ti, famoso Bruto,  
Curva a altiva cerviz a patria tua;  
Já pesados grilhoens., ferreas cadeias  
Lhe vão cingir os pulsos.

Hydropica ambição o peito accende  
Do rebelde, que aspira a deprimila,  
Ardem monstros servis por ser escravos  
O traidor lisongeão.

Oppressa Roma tristes aís levanta;  
Sua afflicção te cala o heroico peito:  
É preciso morrer, ou libertala;  
Constante não hesitas.

Ama Cimber a patria, elle te segue,  
Préza Cassio o ser livre, e te acompanha,  
Honrados cidadaons a ti se agregão;  
Os punhaes vertem sangue . . .



Os braços suspendei , poupai os golpes ,  
Que Lysia ensina a castigar tyrannos ,  
Com sua voz sómente , e não com raios  
Os déspotas fulmina . . .

A' voz da liberdade a Gallia estruge ,  
Confuso o Sena , de temor cortado ,  
O semblante na fria lapa esconde ,  
O Garonna se assusta.

Sedenta de carnage a morte corre  
Co'as azas ajoujadas de flagicios ,  
Levando a toda a parte estrago angustias  
Gemia a humanidade . . .

Da independencia a voz em Lysia sôa ;  
Fraquêa a base do fatal colosso ,  
Que a sacrilega mão da tyrannia  
Abominosa erguera ,

Escuda a sancta paz ; a causa justa ;  
Os monstros , que de Lysia erão flagello  
Baldadas forças provão : já por terra  
C'os olhos a devorão.

E o fulvo Tejo em seu leito d'ouro  
Deslisando os cristaes , de que alárdea ,  
Desce aos reinos do madido Oceano  
Impavido , ufanoso.

Empunhando mais forte o azul tridente,  
Que o sordido Amazonas projectava  
Orgulhoso suster indignamente

Na fula mão calosa.

Salve Lysia immortal, que assim te ostentas  
De todas as naçoens egregio exemplo!

Propicio aos votos teus um deus te escuta,

Benignò te concede

O sacrosanto dom da liberdade,

Que ha de ser teu brazão em toda a idade.

*José Frederico Pereira Marrecos*, Estudante do Segundo  
Anno Juridico.

---

O D E VIII.

*Pindarica.*

---

---

*O sceptro, que forjára o despotismo,  
Pelas mãos da razão despedaçou-se.*

J. B. S. LEITÃO.

---

---

*Strophe. 1.*

**D**O fulvo Apollo crepitante lume  
Das empoladas nuvens fusilando  
    Meu acanhado ingenho  
    Impetuoso assalta . . .  
Que vejo! que diviso! oh ceos, que enlêvo!  
Que insana furia hoje meu estro accende!  
    Não sou mortal! . . sou nume! . . .  
Altivo canto em turbilhões desato! . . .

*Antistrophe 1.*

Das Argivas canções baixel regendo  
Algemo as vagas, aquilões reprimo,  
    Que em vão calumnia arroja.  
    E ufanoso abrindo  
Das famosas acções o golfo ingente,  
Ao magestoso som dà eburnea lyra  
    No alcaçar da gloria  
As soltas vellas triunfante arvorô.

*Epodo 1.*

Ferrenho escuro despejando em serras  
    De Augusto á voz trovosa  
O famulento Despotismo accode:  
    Mortaes amarellecem! . . .  
E aos pés do monstro, com a afflicta Roma  
Calho de rojo a Europa, o mundo inteiro.

*Strophe 2.*

Cortou fado invejoso o fio ás ditas  
Horrenda cerração desfeita em males  
    Por seculos infindos  
    Esmaga a humanidade.  
Os, que outr'ora lavrou com dura relha,  
Ferteis prados o gram Camillo, e Bruto,  
    Nas maons de viz escravos,  
Baldão de Ceres, não os dourão méeses.

*Antistrophe 2.*

Os foros turva fatua prepotencia,  
Que alardeando seus braçoens antigos,  
    Olvida remoçar-se  
    Em lustre de renome.  
Cançado de soffrer c'ò ardido esforço,  
Ao revez encarando tal desdouro  
    Tell. . . . nome sempre illustre! . . .  
Fementidos grilhoens na Helvecia quebra.

*Epodo 2.*

O nobre esforço, o desmedido arrojô  
    Maravilha a Europa,  
Mas da razão ao brado a Europa é surda,  
    Nas praias de Colombo  
Da angusta liberdade troa o grito,  
Écco repete extasiado o Sena.

*Strophe 3.*

Lá vai cortando os ares revoltoso,  
Té que rimbomba nos Hesperios clymas.  
    Já a'scravidão ferrenha  
    Brioso Hispano annoja,  
Que extasi!... Da grande Elysia ás portas  
O brado trovejou da Lusa gloria!  
    O sacro enthusiasmo  
    O nobre peito accende;  
E n'um mar de prazer affoga os Lusos.

*Antistrophe 3.*

(\*) A patria libertar de ferreo jugo,  
De sangue a custo, a custo de fadigas  
    Correm varões prestantes;  
    Nação ao peito os cinge.  
O crime raiva, e c'o pavez da intriga  
A candida virtude ardido investe.  
    Corre o sangue . . . e com elle  
Do genio tutellar se apaga o brilho.

*Epodo 3.*

Trajado com as vestes da virtude  
    Campa o Despotismo.  
Oh dor! pranteia o ceo, pranteia o mundo  
    Os nossos duros sestros!  
Mil soluços mortaes a patria arranca,  
Vendo com a virtude o crime a braços.

(\*) Allude á morte do illustre GOMES FREIRE, e mais varoens, que tentárão com elle libertar a Patria.

*Strophe 4.*

Eis subito clarão de novo raia ,  
 Que a tenebrosa cerração espanca.  
     Lá onde volve rapido  
     O Douro as limpas ondas  
 Em batalhoens se apinhão lusos Martes ,  
 Que ao som guerreiro de troantes bronzes ,  
     Votão da patria ao Genio  
 Esmagar da oppressão o monstro horrendo.

*Antistrophe 4.*

Aristócratas viz no chão baqueião :  
 Com elles de rondão venal lisonja.  
     Fatuos zangoens da patria  
     Embora se definhem  
 Perdendo os cargos , que a mais dignos cabem :  
 De livres coraçoens ágnos desprezos .  
     Os myrrem , e flagellem.  
 Mas se armas cumpre' . . . a jorros golfe o sangue.



*Epodo 4.*

Soltando o panno á magestosa lyra ,

Com sublimado arrojô

Aos astros levarei de Elysia a gloria.

Mas onde me arrebatô ! . . .

Sulcar de taes aççoens o mar profundo

Não podem os mortaes , maã cabe a numes.

Do P.<sup>o</sup> *Emygdio.*

---

---

CANTATA.

---

*Fert animus causas tantarum expromere rerum.*

*Immensumque aperitur opus . . . . .*

*. . . . . quid pacem excuserit . . . . .*

*Invida fatorum series , summisque negatum*

*Stare diu.*

LUCAN. *Phars.* Lib. I.

---

**L**A' onde em noute eterna , em sombra escura  
Geme a Virtude ; e o Crime a fronte erguendo ,  
Calca aos pés a Razão , e a Humanidade ;  
Lá onde da verdade  
O nume se despreza ; e onde segura  
Só vive a Tyrannia !  
Ante a qual de pavor foge a Ventura ;  
Aonde o Odio , a Inveja  
Seus pulsos remordendo  
De continuo sem fructo estão gemendo ;  
Das furias a peor a torva Erynis ,

- Dest'arte erguendo a voz, ás socias falla :
- » Nós , que de Lysia os venturosos fados
  - » Em fados infernaes mudar soubemos ,
  - » Nós , que um povo de heroes , de semi-deuses
    - » Curvados transformámos
  - » Em rebanho servil , que flagellámos ;
  - » Nós , que arrancando a genios bemfazejos ,
  - » Benignos genios , da virtude socios ,
    - » Os destinos do Tejo ,
  - » A' força de os curvar a ferreo jugo ,
    - Quasi de todo extincto
  - » Temos nos Lusos o valor innato ;
  - » Nós em fim , cujas leis no Inferno escriptas
  - » Em bronzeas taboas pelas mãos de fogo
    - » Tem conduzido á borda
  - » Do sepulchro voraz , do mesmo abysmo
    - » Um povo , que por certo
  - » Nunca sonhou soffrer o despotismo :
  - » Socios meus , eia ! ao cumulo levemos
    - » As infernaes façanhas :
  - » Extinga-se uma vez o nome , a fama
    - » Da Lusitana gente.
  - » Não tendes visto como a gloria sua
    - » Ao Lethes sobranceira
  - » Tem de grandes acções enchido o mundo ? »

Disse: e tremendo a abobeda sombria  
 Encheu de horror os desgraçados manes;  
 Ouve-lhe a voz a candida Virtude,  
 Treme de susto aos infernaes accents  
 E, chamando a Razão, e a Liberdade,  
 Que maldita oppressão lançára em ferros,  
 As mãos erguendo aos céos, assim lhes falla:  
 » Té quando os vís grillhões, e o jugo austero,  
 » Que nosso collo com vergonha opprime,  
 » Ha de trocar em dias de amargura,  
 » Dias de glória, porque em vão choramos?  
 » Quebre-se o jugo, a rectidão triunfe:  
 » Eis o tempo marcado á Lusa gloria. »

Dissera: e d'entre os ceos o author dos mundos  
 A Elysia volve compassivos olhos;  
 E eis em pó seus grillhões, seu jugo em nada.

Eis d'uma luz mais pura  
 Brilha na terra a candida virtude;  
 De chofre a tyrannia então baquea;  
 De novo tem vigor as leis d'Astrea.

Trocou-se a nossa sorte,  
 Findou nosso desdouro;  
 De novo a idade d'ouro  
 Dos ceos se vê baixar.

De novo volve Astrea  
C'o a meiga Liberdade;  
Não geme a humanidade,  
Já póde respirar.

Cessou de Lysia o pranto,  
Cessarão seus gemidos;  
Por fim seus ais sentidos  
O ceo quiz escutar.

Trocou-se a nossa sorte,  
Findou nosso desdouro,  
De novo a idade d'ouro  
Dos ceos se vê baixar.

*Augusto Frederico de Castilho,*

---

---

*Aos Libertadores da Patria.*

---

*Tumque dum procedent : Jo triumphe !*

*Non semel dicemus : Jo triumphe !*

*Civitas omnis : dabimusque divis*

*Thura benignis.*

HORAT.

---

**S**Alve , briosos, denodados genios!  
Que , a patria vendo em vergonhosos ferros,  
O jugo aviltador , que lhe impuzerão  
Do error dictames , leis do despotismo ,  
Com venturoso arrojo o espedaçastes !  
Estremados campões da liberdade ,  
Meigo , affavel sorrir de amigo fado  
Mil vos outorgue perennaes venturas  
Elysia os votos seus verá cumpridos.  
Vossos nomes sagrados , venerandos  
Eternos viverão nos fastos della,  
E em nossos peitos inda mais eternos.

Quanto vos deve a patria amesquinhada !  
 Vós do golphão d'horror, em que boiava,  
 Em que se ia affundando, a libertastes :  
 Vós, enchugando-lhe amargoso pranto,  
 Que as faces importuno lhe ensopava,  
 Que a dor do coração mandava aos olhos .  
 A mares horbulliar, rolar continuo ;  
 Vós c'um sorriso a magoa lhe adoçastes  
 No haço gesto entristecido ha, tanto .  
 Vós, vendo-a envolta em pallidez, em lucto,  
 Arquejando de dor, afflita, anciada,  
 Nas garras da escassez, e da miseria  
 Sem forças, sem vigor ir-se esmirrando,  
 Tantos males de chofre suffocastes,  
 Vingando a humanidade, e a natureza,  
 O illuso rei, que alli se vê (\*), vingando .

Em vão tentárão perfidos imigos,  
 Imigos da razão . . . Silencio, ó Musa :  
 São da patria baldão, deslustre della,  
 São vergonha, labeo da humanidade ;  
 E teu desprezo seja o seu opprobrio ;  
 E teus versos não manche aqui seu crime,

(\*) Com os retractos dos mais Monarchas portuguezes, se achava tambem na salla onde se recitava o do Senhor D. JOÃO VI., á que se allude.

Nem seus nomes ladeiem faustos nomes  
Dos briosos heroes , que ovantes cantas ;  
Heroes , que por cimento da ventura  
Vão as leis naturaes remir do olvido,  
Em que , moldado o codigo sublime,  
Do *homem* direitos eternaes declare ,  
Os mantenha , e respeite , e anime , e affague ,  
E o titulo sagrado ouse outorgar-lhe  
De livre cidadão , e lhe restaure  
Da lesa humanidade os sacros foros.

Socios ! mil benções , perennial memoria  
Lhes doure os fados , lh'eternise os nomes !

*José Maria Grande* , Estudante do Segundo Anno Medico.

---



---

*A' Liberdade.*

---

*Quo nihil majus , meliusve terris  
Faça donavere , bonique divi.*

HORAT.

---

**Q**ue sinto , justos ceos ! Que doce enlevo !  
Oh cara mãi dos Lusos ! patria , oh patria ,  
Que portentoso feito ao mundo ostentas !  
Em teu regaço scintillando estalla  
Da augusta Liberdade a sacra flamma ,  
Que em cinzas torna o fementido monstro  
Do louco despotismo , em raiva ardendo.

Já somos livres ! . . ultrajados foros ,  
A' força de soffrer , a patria vingá ;  
Já conhece (dittou-lho atroz desgraça !)  
Que existem ferros , porque somos fracos ,  
Que d'um acceno seu baquea em terra  
Da tyrannia o sceptro pavoroso.

Sinto meu coração d'horror cortado  
Ao ver dos Lusos desastrosos fados:  
A' sombra do pesado, ferreo jugo  
Crescia humilde a abjecta dependencia.  
Incultos valles, definhada a industria,  
O cidadão sem jus, e sem ventura,  
De crueis tribunaes fugindo a esmo;  
Eis o da patria nossa triste quadro!

E podia SEPULVEDA magnanimo,  
Podia o Washington Luso, o grão CABREIRA,  
Trahiendo o seu dever, razão, virtude,  
De Hyrcanos tigres em sedentas garras  
Deixar a patria sua, a amada Lysia?  
Nunca, ah! nunca tão baixos sentimentos  
De taes heroes no peito borbulhárão.  
Dos seus Lusões em puro amor desfeitos,  
Prostrão aos pés sonhadas vans chymeras,  
Quebrão da fatua prepotencia os braços,  
Que o despotismo outr'ora sustentavão,  
E com a Liberdade a patria dourão.

Denso negrume, que o futuro assombra,  
Afugentado pelos raios do estro,  
Expõe á vista do por-vir destinos  
Já diviso, oh prazer, oh maravilha!

Que orgão da patria , nacional congresso  
Da regia authoridade o peso assume.

Eis sabia industria de suor banhada,  
Que o fanatismo espanca , o ocio rude,  
E a próvida abundancia ao peito nutre;  
Thesouros derramando alteia a fronte  
Ceres , d'a agricultura mãe fecunda,  
E o commercio d'entorno gyra impavido.

Os eflúvios da augusta Liberdade,  
Que o fogo da razão destilla , apura,  
Em Lusos peitos nobres sentimentos  
Com magico poder infundem , sparssem.  
Qual nos cargos , que o rei , que a patria incumbe  
Aos Pitts , e Argueles torna invejas ;  
Qual nas fadigas de Mavorte horrendo ,  
Co'a forte dextra a lança soppesando ,  
D'immortal louro enrama a altiva fronte;  
Qual de Buffon , Couvier , Newton , ou Dayve  
A fama perennal , que estruge o mundo ,  
Mergulha ovante no sombrio Lethes.

Tanta ventura , Elysia , ó patria minha ,  
Com rosto alegre , te surri , te accena !  
A quem não prazem perennaes diluvios  
De immensos bens , que os Lusos afortunão ?

Aristócrata vil, que audaz incensas  
Do perfido egoismo as-tetras aras,  
Medita, e julga; qual mais proveitoso,  
Se quebrar os grilhões á patria tua,  
Ou sedento verdugo, filho ingrato  
Cravar no peito seu buido ferro.

Do P.<sup>e</sup> *Emygdio*,  
Estudante do Quinto Anno de Canones.



*Ao Corpo Academico.*

---

*Neste limpo terreno  
Virã sentar seu throno  
A san philosophia mal aceita ;  
E leis mais brandas regerãõ o mundo ,  
Quando homens mais humanos ,  
C'o raio da verdade a luz espalhem.*

FILINT. Elys. Od. à Liberd.

---

**E**Rgo tardia voz , mas ergo-a livre ,  
Ante vós , ante os ceos , ante o universo ;  
Se os ceos , se o mundo minha voz ouvirem.

Inda a braços co'a esquallida doença ,  
Mal posso o brado alçar debil , e frouxo ;  
Subir aos cumes de estremada gloria ,

Heroes cantar , que a impulsos formidaveis  
 De pujante valor , de ardido esforço  
 Ao chão baquearão barbaros colossos  
 Do despotismo atroz , da tyrannia ,  
 Que a mascara perversa enganadora  
 Da hypocrisia vil do fanatismo  
 Com déstra mão impavidos rasgáão ;  
 Tão nobres feitos , tão sublime arrojão  
 Assaz dos vates resoou na lyra ;  
 De sobejo entre vós cisnes do Pindo  
 Com louro eterno no por-vir c'roarão ;  
 Nos peitos vossos de sobejo , ha muito  
 Em caracteres se gravou de fogo .

Não posso tanto , não me atrevo , ó socios ;  
 Mas tenho um coração , que é Lusitano ;  
 Mas tenho um coração , que é livre , e é d'homem .  
 Livres , como elle , minha voz , meu brado  
 O que a alma sente vos espalhe n'alma ,  
 E o grito da razão troveje ao mundo .  
 Livres ! . . . Ah ! livre um Portuguez foi sempre .  
 Sim ; que essa infame sordida caterva ,  
 Esse rebanho vil de vís escravos ,  
 Que ao sceptro da ignorancia incensão curvos ,  
 Esses . . . esses . . . ó Lusa academia ,  
 Do nome Portuguez vergonha , opprobrio ,

Portuguezes não são , jámais o forão.  
 Esses perfidos monstros , que enfatuados  
 Das sociaes distincções usurpão gloria ,  
 Julgão virtude o merito da sorte ,  
 Do feudalismo atroz, crueis sectarios ,  
 Aristócratas barbaros , insanos ,  
 Que em si pertendem concentrar direitos ,  
 Que ao povo inteiro , que á nação pertencem ,  
 Reos do crime maior , que a terra ha visto ,  
 Reos do crime maior , que o ceo punira ,  
 Reos do crime maior , que urdiu o inferno ;  
 Estes , Lusos serão , ou serão homens ?  
 E o nome Portuguez , o nome augusto ,  
 Ante quem se prostrou de rojo o mundo  
 O nome Portuguez cabe em taes monstros ?  
 Cabe nos monstros , que assumando ao throno  
 O torpe incenso de venal lisonja ,  
 Abjectos , vís , aduladores , perfidos ,  
 Olhos no int'resse , ao paternal sob'rano  
 Lhe impedem ver as publicas desgraças ,  
 Gerner nos males de seu povo afflicto ?

Oh rei ! oh pai ! oh suspirado ! oh caro !  
 Ah ! rompe d'uma vez da intriga as malhas ;  
 Denso negrume , que te offusca o sceptro ,  
 C'o sceptro punidor dissipa , e vinga .

JOAÕ! . . . Quanto este nome é caro aos Lusos!  
 JOAÕ! . . . Deslembra alguém tão sacro nome?  
 E cumpre á prepotencia a nós lembra-lo!  
 E cumpre ao orgulho suscita-lo aos peitos!  
 A nós, a Portuguezes, quaes nós somos,  
 A filhos de Minerva! . . . A offensa é crua,  
 Barbara a affronta, perfido o conselho,  
 Indigna . . . Ah! perdoemos, socios caros;  
 Generoso perdão se outorgue á infamia:  
 Das dadas do ceo disponhão Lusos.

Oh flor da patria! oh mimo de seus filhos!  
 Oh Lusitana, illustre juventude!  
 Jugo de ferro, que pesava outr'ora  
 Sobre nossas cabeças, já desfeito  
 A pedaços cahiu; e a mão soberba,  
 Que os insoffridos labios nos tapava,  
 Ao golpe audaz jazeu da liberdade.  
 Annos de escravidão vingue um só dia;  
 Seculos ganhem fugitivas horas:  
 Em livres brados á virtude á gloria  
 O frouxo peito aos cidadãos movamos.

Póde, mais do que a espada, a voz, e a penna;  
 E, se a espada cumprir, cinja-se a espada:  
 E veja o mundo com terror, e espanto



Em cada filho de Minerva um Marte;  
Tremão , caião preversos aristócratas.  
Sejamos sempre heroes , e sempre livres ;  
Sejamos , como sempre , Portuguezes ;  
Vivamos livres , ou morramos homens.

*João Baptista da Silva. Leição d'Almeida Garrett.*



## ERRATAS.

<i>Pag.</i>	<i>Vers.</i>	<i>Err.</i>	<i>Emend.</i>
24	4	golfa	engolfo
27	2	brilho	brio
41	12	sestros	fados



